

O RECONTRO MILITAR DE TASHFIN BIN 'ALĪ EM FAḤṢ AL-BAQAR EM 1133

*Em homenagem
a F.M. PAREJA*

PARTE PRIMEIRA

- 1) Introdução
- 2) Ibn as-Sairafī a fonte originária
- 3) Crítica a Huici Miranda
- 4) Início da pesquisa
- 5) A fronteira portuguesa
- 6) A concentração militar
- 7) As vias militares
- 8) Pinhel

Introdução

Quem ler as disposições de alguns forais como o de Seia, em 1136, ou os de Marialva, Moreira de Rei, Aguiar da Beira, Trancoso e Celorico da Beira, anos após, verá que entre elas se encontra uma do seguinte teor: “non faciant fossado nisi cum nostro seniore una uice in anno” (ou dum modo aproximado deste). Mas ao lado desta forma limitativa (nisi...) também se encontra a forma imperativa: “una uice faciant fossado in anno” (foral de Évora, em 1166; foral aos moradores de Abrantes, em 1179). Ora aquilo que o cronista Ibn Idari al-Marrakushi apelidou no seu AL-BAYAN AL-MUGRIB de “incurção de al-Bakār” tem todo o aspecto duma represália ou reacção tomada pelo émir Tashfin bin Ali —futuro soberano almorávida— contra um desses fossados que haviam partido do território português, cujos componentes humanos o relator do evento —o célebre Katib almorávida Ibn al-Sairafī— englobara na denominação geral de RUM, sem que obviamente tivesse a possibilidade de os diferenciar dos RUM salmantinos. É que tal incurção, como se verá, fora determinada pelo émir logo após os (RUM) salmantinos terem sido por si mesmo derrotados. Deve, verosimilmente, ter-se dado o seguinte: imediatamente após a vitória sobre estes, que se haviam dirigido

para Badajoz, outros surgiram na frente do émir; e estes tinham-se encaminhado para aquela região a que hoje chamamos a Beira. Estes eram constituídos por homens que haviam efectuado um fossado (e presumivelmente a conquista duma praça forte) na direcção sudeste do condado português. Tendo atravessado a fronteira naquela zona procuravam expandir-se, tal como os salmantinos. Mas na sua ânsia de expansão não teriam contado com a súbita presença por aquelas paragens do émir Tashfin. Resultado: fizeram meia volta; e uma vez já dentro do seu lado territorial armaram então a cilada aos exércitos mussulmanos.

É certo que o zêlo croniqueiro de Ibn as-Sairafi se dirigiu todo ele no sentido de deixar vincada para a posteridade a valentia dum amo que ele louvaminhava; e para atingir esse escôpo teve necessidade de relatar circunstanciadamente a expedição. Mas para nós o aspecto da valentia pessoal do émir fica obliterada pelo resultado real da operação; e esse foi o dum rotundo desaire.

Para chegarmos a semelhante conclusão foi mister uma longa exegese de textos de vária ordem. Um paciente estudo nos orientou na busca da solução dum dos múltiplos pontos intrincados que às vezes as crônicas árabes deixam entrever.

Ibn as-Sairafi a fonte originária

Encontra-se no AL-BAYAN AL-MUGRIB uma ementa que começa assim:

TEXTO A)

“No ano de 528 [1 Nov° 1133 / 21 Out° 1134] efectuou Tashfin bin Ali uma expedição militar contra os RUM, derrotando-os e recuperando os prisioneiros de... É que chegara ao conhecimento do émir Tashfin que os magnates dos RUM e seus chefes militares, constituindo um exército... que incluía milhares de homens entre chefes militares e seus reputados cabos de guerra, se haviam dirigido par os lados de Badajoz, Beja e Évora e essa zona islâmica, efectuando aí algaras e apoderando-se de tudo quanto lá se encontrava...” etc.

Por sua vez Ibn al-Khatib escreve de modo similar no AMAL AL-ALAM:

TEXTO B)

“Diz Ibn as-Sairafi: “No anno de 527 [12 Nov.° 1132 / 31 Out.° 1133] chegou ao conhecimento do émir Tashfin que os magnates dos RUM se haviam dirigido para os lados de Badajoz, Beja e [[segundo o Ms. de Tamgrout]] Beira e a região

ocidental, subjugando uma zona que não tinha ainda sido assolada..." etc.

Basta o simples confronto entre estes dois textos extraídos de diferentes cronistas para imediatamente se concluir que a fonte de narração foi a mesma: Ibn al-Sairafí.

Mas no AL-BAYAN AL-MUGRIB encontra-se logo a seguir àquela ementa, ou quási logo, uma nova ementa que diz:

TEXTO C)

"E neste ano, que é o ano de 528, Tashfin fez lançar uma campanha militar sôbre os RUM, que foi a incursão de Al-Bakâr, que os mussulmanos tiveram de executar. Diz Abu Bakr Yahya bin Muhammad al-Ansari: logo a seguir à festa da Imolação saiu o émir Tashfin com o exército de Granada e Córdova e uns destacamentos de tropas ligeiras auxiliares de cavalaria e peonagem afim de cortar o passo ao inimigo..." etc.

Uma vez que Abu Bakr não é outro senão Ibn al-Sairafí, e sem necessidade de nos preocuparmos para já com a verificação das datas, conclui-se do exposto: que embora tratem de acontecimentos militares distintos foram as duas ementas do AL-BAYAN beber na mesma fonte comum: o já referido Ibn al-Sairafí. Possuimos, pois, três textos ou excertos deste cronista; dois vêm reproduzidos no AL-BAYAN: textos A) e C); o outro é reproduzido no AMAL AL-ALAM: texto B). Mas o que importa nesta altura realçar é que Ibn Idari dividiu por duas ementas dois acontecimentos bélicos distintos: um ocorrido próximo de Zalaca, o outro ocorrido em local diferente e ao qual quiz imprimir uma designação especial, a designação de "a incursão de Al-Bakâr". Este último acontecimento ocorrera em "essa área" referida pelo mesmo Ibn Idari que o inimigo "já havia talado" e que ficava dentro "daquela área" que abrangia a jurisdição do exército de Sevilha. O próprio Ibn al-Khatib nos revela que ele mesmo sabia ter tido Tashfin um outro recontro diferente daquele que ocorrera próximo de Zalaca; é o que se verifica através das suas palavras: "Descreve Ibn al-Sairafí a firmeza do émir Tashfin na incursão nocturna que o inimigo lhe lançou em Faṣḥ Al-Bakâr".

Crítica a Huici Miranda

Sôbre a incursão a Al-Baqar tem Ambrosio Huici Miranda um capítulo nos ÉTUDES D'ORIENTALISME DEDIEES A LA MÉMOIRE DE LÉVI-PROVENÇAL (tomo II, Paris 1962, p. 605 sg.), subordi-

nado à epigrafe *El Encuentro de Al-Baqar*. É susceptível de algumas críticas.

1) Dá a entender Huici Miranda que o recontro ocorrera em Ovejo, ou utilizando as suas palavras “un poco al S.O. de Ovejo” (nota 55, pg. 617) “a veinte klms. al N. de Cordoba” (HESPÉRIS-TAMUDA, vol. I, 3.º fasc. 1960, p. 540). Mas se o encontro das tropas mussulmanas com o inimigo se deu em Ovejo, como poderá compreender-se que Tashfin fôsse “en su persecución” até Cáceres? (ÉTUDES, p. 617). E como compreender que Tashfin retrocedesse (عرج), segundo Ibn al-Qattan) de Ovejo até Cáceres

para então daqui atingir Córdoba? Seria um absurdo. Este absurdo já se notava na HESPÉRIS-TAMUDA (p. 540) ao afirmar: “después... se acogió al castillo de Cáceres”. O mesmo se diga na sua tradução da crónica intitulada AL-HULAL AL-MAWSIYYA (p. 149, nota 1). Razão tinha o escritor Muhammad Enan quando declarava: “através das palavras do autor do AL-BAYAN AL-MUGRIB, segundo as quais o príncipe Tashfin foi na manhã seguinte para Cáceres, parece que o combate se teria dado perto desta localidade” (ASR AL-MURABITIN, Parte I, Cairo 1964, p. 140).

2) Diz o AL-BAYAN que foi pedido o concurso das tropas de Sevilha. Ora se o recontro se tivesse dado em Ovejo mal se compreendia que fossem precisas tropas de Tavira ! Nem sequer tempo havia de elas chegarem lá perto. Ao dizer que o NAZM AL-JUMAN “añade a las tropas de Sevilha las de Tavira” (ÉTUDES, p. 617) foi Huici Miranda induzido em êrro por uma defeituosa grafia; e isto já lhe havia acontecido na tradução do AL-HULAL (p. 149, nota 1). O topónimo Tavira escrevia-se طابيرة ; e assim

o escreveu o próprio Ibn al-Khatib no AMAL AL-ALAM (veja-se a HISTOIRE DE L'ESPAGNE MUSULMANE de Lévi-Provençal, Beyrouth 1956, nas pp. 275, 293).

3) Diz Huici Miranda que Tashfin se reuniu com o governador de Sevilha “en el llano de” um “Topónimo desconocido” (ÉTUDES, p. 617, nota 54). Como pode ele então relatar-nos que as coisas se passaram de harmonia com aquilo que expõe? Diz Huici Miranda que o NAZM AL-JUMAN “pone la concentración en Jeréz”; mas nós não vemos este topónimo no relato da décima terceira parte da crónica, editada e comentada pelo Doutor Mahmoud Makki.

4) Finalmente vejamos a que conclusões chegaríamos após a verificação das datas apresentadas por Huici Miranda. Ao finalizar

o inverno de 1134, no mês de Março, é que se dera a campanha de Badajoz. O recontro de Al-Baqar ocorreu depois desta campanha. Ora o regresso do émir Tashfin dera-se, segundo ele, em Março de 1134. Como podia então efectuar a expedição contra Al-Baqar saindo em 2 de Outubro de 1134?

Igualmente Bosch-Vilá afirma que ocorriam estes acontecimentos em Março/Abril de 1134, não fazendo a discriminação dos dois eventos militares (LOS ALMORAVIDES, p. 239). E do mesmo modo faz equivocadamente intervir as tropas de Tavira.

Foi aquele capitulo de Huici Miranda que nos feriu a atenção e motivou o presente estudo. O ponto que suscitava sobretudo a nossa curiosidade era este: se a expedição a Al-Baqar fora, segundo Huici Miranda, em Ovejo, a uns vinte quilómetros de Córdova, pelo mês de Outubro e o émir Tashfin regressou em Março do ano seguinte — por onde teria andado todo esse tempo intercalar? O que se nos afigurava evidente era que tendo feito um regresso por Cáceres devia ter andado algures através da região acima desta cidade; e que as suas deambulações deveriam ter alguma conexão com aquelas frequentes incursões executadas ao longo da Estremadura e das quais nos dão notícia não só outros documentos mussulmanos mas também algumas fontes nacionais. E a nossa convicção assentava em outra razão, esta emergente do próprio relator do evento. Com efeito, tais RUM tinham tido em vista dirigir-se para os lados de Badajoz: eram os primeiros que Ibn al-Sairaffi assinalara. Ora se os segundos RUM se tivessem dirigido precisamente para tão perto do lugar donde o émir saira, salta aos olhos que seriam imediatamente interceptados por ele e logo saldadas as contas!... Teríamos assim que o combate com os segundos RUM ter-se-ia dado logo. Nada disto sucedera, no entanto. Portanto as pesquisas tinham de ser realizadas de harmonia com a lógica das coisas patente na respectiva ementa.

Início da pesquisa

Para este efeito dá-nos Ibn al-Qattan o elemento mais valioso ao referir que:

أخذ في الانصراف الى حصن قصرش
ثم رجع بالناس الى قرطبة

O imo da inteligência desta descrição está contido no passo em que se vê o “masdar” *al-insirāfi ilā* colocado imediatamente antes dum verbo que significa retroceder, regressar, etc., exteriorizando o início da execução dum processo mental, duma decisão que o émir tomara após verificar a que ponto tinham chegado as coisas. Começou ele a virar-se para Cáceres e daqui é que

regressou a Córdova. Nenhuma idea de “persecución” se pode inferir deste passo.

Ora a cidade de Cáceres tinha importância nesta altura por ser, segundo Edrici, “allí es donde se reunen los [almorávidas] para devastar y saquear el país de los cristianos”. Dali e de Cória é que os sarracenos “debellabant quotidie totam Extrematuram”, conforme relata aos vindouros a *CHRONICA ADEFONSI IMPERATORIS*. Dali é que partiam os inimigos para as “diferentes correrias por la Beyra”, conforme elucida Manuel de Faria e Souza. Eis a pergunta que nos inquiríamos a nós próprios: onde era a fronteira? A esta pergunta adicionava-se outra, a sua respectiva: onde começava a Bilad al-Islam?

A fronteira portuguesa

Para já iniciaremos uma exposição sôbre o que dizem as maiores autoridades. Segundo Gonzaga de Azevedo (*HISTÓRIA DE PORTUGAL*, vol. 2.º, p. 78) ficava constituída a fronteira sarracena por uma linha traçada pelo Mondego, desde Coimbra, por Cória, Talavera, Toledo, e por aí fora; e entre as fronteiras sarracena e cristã existia uma região desértica. Naquela linha é Cória a base que nos interessa para aqui, pela proximidade que tinha com Cáceres e até por lhe ficar ainda mais acima. Fora conquistada em 1119 por Abu Ishaq Ibrahim. O autor deste estudo não sabe até que limites rigorosos consideram os historiadores espanhóis que iria o Bilad al-Islam; mas creê que iria certamente até alturas da Sierra de Gata.

Por seu turno Alexandre Herculano dizia que ainda nos fins do séc. XII “os domínios portugueses acabavam na margem direita do Côa desde o Douro até à confluência do Pinhel, seguindo daí até ao Tejo”. E acrescentava que “Numão parece ter sido no séc. XII a última povoação portuguesa no ângulo da Beira ao nordeste”. Era uma povoação à qual tinha sido dado foral em 1130 (*HISTÓRIA DE PORTUGAL*, t. 3.º, 9.ª ed. p. 329).

Escreveu um erudito português que “o limite do alfoz de Numão era a sul “uma calçada, talvez velha estrada romana, que atingia a Ribeira de Duas Casas, próximo da sua confluência com a Ribeira de Tourões” (*ANAIS DA ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA*, 2.ª série, vol. 12, p. 259). Esta referida calçada ou estrada romana que conduzia até Porto de Carros (hoje foneticamente deturpado em Porto da Carne: veja-se Mario Saa, *AS GRANDES VIAS DA LUSITANIA*, t. 6.º, p. 239), “não deve ser outra senão a calzadam Colimbrianam que desde os tempos romanos ligava Augustobriga (Ciudad Rodrigo) com Conimbriga”, dizia em 1959 Lindley Cintra (na *LINGUAGEM DOS FOROS DE CASTELO*

RODRIGO, Introd., p. LV). E continua ele: “Na delimitação dos termos de Pinhel, que começa na confluência do rio Massueime e do Coa e acaba no referido Porto de Carros, falta toda a fronteira oriental”, e isso devia suceder “por ser perfeitamente conhecida como fronteira, que era, do reino de Portugal”.

Do exposto se viu que existia uma estrada romana que ia dar ao Porto de Carros; era a calzadam Colimbrinam. Mas havia também uma “Calzadam Veterem”, à qual alude o documento da instituição e demarcação do concelho de Idanha cidade em 1229, e que era uma via romana da Idanha a Marialva que passava na Guarda e atingia o referido Porto de Carros (AS GRANDES VIAS, t. 6.º, p. 247; t. 5.º, p. 272).

Este Porto de Carros era local importante na rede viária daquela época. Nos limites territorais da Idanha “doada” pela rainha Dona Teresa aos irmãos Gosendes (para que, uma vez conquistada, a povoassem) também surge este Porto de Carros como sendo o ponto setentrional mais extremo desse vasto território que lindava com os (futuros) termos de Pinhel, concelho este que acabava nesse mesmo Porto de Carros. Este sítio constituía simultaneamente o ponto setentrional mais extremo dum território que até 1133 ainda não era efectivamente português — o da Idanha — e o ponto meridional mais extremo do (futuro) concelho português de Pinhel. Por aí corre o rio Mondego, nessa altura servindo de fronteira.

Para terminarmos este capítulo falta-nos agora mostrar com maior rigor qual era em 1130 o limite sul do alfoz de Numão. O limite a sul ia desde aquele “porto de Novios” a que alude o foral, prolongando-se para oeste aproximadamente segundo o paralelo da Serra da Marofa (que em Espanha passa em Lumbrales ou muito perto). Aqui nesta delimitação começava, pois, o Bilad al-Islam. Pinhel ficava em terras islâmicas.

A concentração militar

Diz o AL-BAYAN AL-MUGRIB que se concentraram os exércitos de Granada e Córdova e o de Sevilha em Fahş Arrifana. Alguns quilómetros a este do Porto de Carros está situada a Arrifana. O antigo castro de Arrifana, a 300 metros a sul da actual povoação, situava-se numa região fertilíssima, dominando a estrada que conduz à Serra da Guarda e às nascentes do Massueime (João de Almeida, ROTEIRO DOS MONUMENTOS DE ARQUITECTURA MILITAR DO CONCELHO DA GUARDA, p. 95). Eis o topónimo que se adequa perfeitamente ao quadro em que vemos desenrolar-se a acção militar noticiada pelas fontes árabes. Ao lado é que passava a estrada romana ligando Mérida a Astorga.

Não será despidiendo, porém, fazer algumas considerações sobre o topónimo tal como no-lo apresenta o cronista magrebino.

Que a palavra الریحانة tenha dado em português Arrifana, é ponto que parece assente (ENCICLOPÉDIA LINGUÍSTICA HISPÂNICA, vol. 1.º, 1960, p. 570). Mas quanto à palavra Faḥṣ é que poderiam levantar-se objecções.

Ora a este propósito cumpre dizer que o vocábulo Faḥṣ era por vezes elemento constitutivo do próprio topónimo. Ex: Faḥṣ 'Aṭiyya. Porém nem sempre assim acontecia. Lendo o AMAL AL-ALAM veremos que Ibn al-Khatib utiliza a expressão

فَحْصٌ شَلْبٌ . Ora Silves era um topónimo importantíssimo por

si só. Não carecia de mais qualquer designação para que o identificassem e localizassem. A adjução neste caso da palavra Faḥṣ leva a concluir que esta se comportava como um mero substantivo comum anteposto ao nome próprio que é o topónimo, significando o conjunto o mesmo que se disséssemos a várzea, a veiga de Silves. Na crónica AL-HULLA AL-SIYARA escreve o seu autor isto: "no lugar conhecido por Zalaca", ao aludir à célebre batalha. Mas Casiri permite-nos saber (BIBLIOTECA ARA.-HISP., t. 2.º, p. 217) que num Ms. conservado no Escorial utiliza o mesmo cronista este modo: "...foi o encontro [dos exércitos] em Faḥṣ Zalaca...". Eis um outro caso idêntico ao anterior. Ainda Ibn al-Khatib ao referir-se no AMAL AL-ALAM ao rei de Navarra, (idem, p. 329: HISTOIRE DE L'ESPAGNE MUSULMANE de Lévi-

Provençal, Beyrouth 1956) diz que ele entrou no فَحْصٌ رَيْوُن .

Eis um caso nítido em que o primeiro vocábulo não faz parte do nome geográfico; é um substantivo comum.

Do exposto se conclue que o vocábulo Faḥṣ na expressão Faḥṣ Arrifana não vem alterar em si o topónimo Arrifana. O que pretendeu significar o cronista foi que a concentração dos exércitos se dera na várzea, ou na planura da Arrifana.

As vias militares

Já aludimos a duas estradas romanas afim de mostrar a importância que representava o Porto de Carros como travessia que era do rio Mondego. Vejamos, porém, com algum detalhe as vias militares que atravessavam a região do Còa e quais os monumentos de carácter militar que já existiam na zona que vai da Guarda para o norte.

Havia duas grandes vias: uma, saindo de Mérida para Alcântara... subia à Lancia Oppidana (Guarda), passando por Idanha-a-Velha e por Belmonte. Da Lancia Oppidana continuava para norte por Freixedas (freguesia actual do concelho de Pinhel), Coriscadas e Numão. Atravessava o rio Douro no Pocinho, seguindo por Moncorvo, Lagoaça e Miranda, cruzava a actual fronteira espanhola em Cruz de Camima, entre as povoações de Cirouco e Constantim, e terminava em Astorica Augusta (Astorga). A outra, partindo de Coimbra [era a calzadam Colimbrianam] ia a Celorico, cruzava o Mondego na ponte de Aldeia Viçosa e subia à Guarda pela calçada da Ramalhosa. Da Guarda continuava para leste pela Cerdeira e Oppidânia (Verdegal), depois de cruzar o rio Còa na ponte de Sequeiros, passava por Miróbriga e terminava em Salamanca (ROTEIRO DOS MONUM. MIL. DO CONCELHO DA GUARDA, p. 31).

No tocante aos lugares fortificados deve desde já dizer-se que a linha dos castelos orientais da Beira, com Trancoso, Moreira, Longroiva, Penedono, Sernancelhe, Caria, etc. estava incluída no nosso regionalismo já desde as divisões mais antigas, muito anteriores a Fernando Magno (Gonzaga de Azevedo, HISTORIA DE PORTUGAL, p. 139). Porém, a cidade de Pinhel era como que o centro dum vasto sistema de fortificações que dominavam uma região de alto valor estratégico da antiga Lusitânia, que os romanos adoptaram e aperfeiçoaram e cuja influência perdurou através dos séculos (Américo Costa, DICIONÁRIO COROGRÁFICO). Quem se debruçar sôbre uma carta da região poderá observar este facto digno de realce: Pinhel era ela própria defendida por uma coroa de pequenos castros antigos e castelos. Ei-los:

Fortaleza do Castelo, a 13,5 klms. a sudoeste, perto da margem direita da ribeira de Massueime. Era posição de grande valor para dominar a passagem do Massueime;

Castelo da Atalaia, a 20 klms. a sudeste;

Castelo da Atalaia (outro), a 14 klms. no cimo do monte do mesmo nome, perto da capela de S^o António;

Castelo de Bugalhal, a 7,5 klms. a noroeste;

Castelo de Cidadelhe, entre o Còa e a Ribeira de Massueime, situado a 17,5 klms. a noroeste;

Castelo da Póvoa d'El-Rei, na margem do Massueime, a 12 klms. de Pinhel, porventura uma sentinela romana na estrada de Pinhel a Trancoso;

Atalaia do Carvalhal e *Atalaia da Granja*, ambas na margem esquerda da Ribeira das Cabras e da Ribeira de Ervas Tenras, respectivamente a 10 e a 12 klms. a sudeste e a sudoeste de Pinhel;

Castro das Gouveias, ao norte da Ribeira das Pêgas e a 17 kms. a sudoeste de Pinhel, constituindo a chave da grande estrada militar romana que da Guarda ia até Astorga passando por Pinhel.

Para completar este quadro acrescentemos os castros no concelho da Guarda:

Fortaleza de Tintinholho, 7 kms. a nordeste da Guarda; crê-se que fora levantada por Fernando Magno;

Castelo de Codeceiro, a cavaleiro da estrada militar que da Guarda seguia para Astorga, passando-lhe a nascente;

Castelo do Barrocal do Conde, a 1,5 kms. da capela de S^a Cruz, divisória das águas da Ribeira da Ramela e da de S^a Cruz, e que constituia *PASSAGEM FORÇADA DOS GADOS*;

Castro de Panóias, a 700 m. a sueste da povoação de Panóias de Cima;

Castro de Tins, a 5 kms. a nor-nordeste da Fortaleza de Tintinholho e a 2 kms. a oeste do Porto de Carros;

Castro de Arrifana, já anteriormente referido¹.

Pinhel

Pinhel, ou Pinhel de Cima-Côa, fora enobrecida por D. Sancho I, como declara Rui de Pina. Gozou de grandes favores, no dizer de Fr. António Brandão. Era conhecida por "Guarda-mór de Portugal". Aí passou e expediu um documento el-Rei de Castela D. João, no dia 16 de Julho de 1385 (veja-se o CATALOGO DE DOCUMENTOS DEL ARCHIVO CATEDRALICIO DE SALAMANCA, de Florencio Marcos Rodríguez, Salamanca 1962). Era uma localidade que, como já vimos, estava adentro do território islâmico ainda em 1130.

Embora já tivesse tido um foral anterior a D. Diniz interessa para aqui referir que este monarca reconstruiu o seu castelo; e deu-lhe novo foral em 10 de Setembro de 1282. Ora desde que o castelo fora DE NOVO construído ficava circundado por um forte cinto de muralhas em que existiam seis portas: porta da Vila, porta de Santiago, porta de S. João, porta de Marrocos, porta de Alvacar e porta de Marialva². Tal como acontecia em outros sítios as portas designavam-se por um modo prático: cada uma era referida pela localidade a que ia dar o caminho ou ladeira que dela saía. Assim, por exemplo, a porta de Marrocos era aquela donde se iniciava o caminho para a região de Marrocos, localidade que ainda hoje subsiste como uma pequena região ao lado de

¹ Estes elementos foram extraídos de ROTEIRO DOS MONUM. MIL. DO CONCELHO DA GUARDA e do DICIONÁRIO COROGRÁFICO já mencionado.

² Cfr. GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA, no voc. Pinhel.

Cidadelhe, cerca de 2 klms. a sudoeste desta freguesia de Pinhel, e junto àqueles limites de Numão que anteriormente explanámos. A porta de Marialva conduzia a uma localidade de muita tradição romana. As portas de Santiago e S. João davam para pontos mais próximos, hoje já de menor importância, mas perfeitamente reconhecíveis, como nós próprios tivemos ocasião de observar "in loco". O mesmo se diz da porta de Alvacar. Mas esta vai exigir atenção mais cuidada.

Após a análise comparativa entre vários textos, que vão desde os livros e enciclopédias modernos até os textos medievos, podemos dar esta seguinte definição: porta de Alvacar, ou Albacar, era a porta das fortalezas e recintos povoados que dava para o CAMPO onde costumava o gado pastar¹. É precisamente este CAMPO que constituia o Faḥş daquela expressão Faḥş Al-Bakār que se vê no AMAL AL-ALAM de Ibn al-Khatib. Óbviamente que era por essa mesma porta que o gado saía e era recolhido à noite, diáriamente, — se não fosse o caso de permanecer tempo maior fóra de portas.

Encontramos assim o nome colectivo árabe [أَلْ بَقَر] - a ser-

vir de designação toponímica dum local. O fenómeno era já muito antigo, como bem se compreende. Tal topónimo subsistiu, pois, através dos tempos. Ora na altura em que o castelo de Pinhel foi reconstruído por D. Diniz tinha o nome da porta aberta na muralha e donde e por onde saía o gado este qualificativo: porta de Alvacar (Albacar).

Citaremos dois casos que confirmam a verdade que encerra quanto expuzemos. Um deles passa-se com o topónimo Ribeira de Alvacar, sita no Alentejo, através da zona norte de S. João dos Caldeireiros e a oeste de Mértola. Uma vez que se trata do mesmo nome que existia em Pinhel, conclue-se que essa Ribeira passava por uma (já mais extensa) região que era o CAMPO —o Alvacar— em que pastava o gado. E ainda ajudam outros topónimos ali perto a deixar compreendê-lo: Touril, Chada do Touril (junto à povoação de Alvares). O outro é o topónimo que no lugar da Fontinha (freguesia de Febres, concelho de Cantanhede) vem assinalado em cartas militares com a designação de Albucar —

verosimilmente a palavra الْبَقَار, um dos plurais de بَقْرَة; e ao qual não faltam igualmente outros topónimos próximos adjuvantes, tais como Toureira, Boieiro, Perboi.

¹ Pode consultar-se (com as maiores cautelas e reservas): José Pedro Machado, INFLUENCIA ARÁBICA NO VOCABULÁRIO PORTUGUES, vol. 1.º, pág. 108.

Esse CAMPO de Pinhel, esse Alvacar, esse Faḥṣ, não pode ser outro senão o موضع referido por Ibn Idari e por Ibn al-Qattan. Localizava-se, assim, não longe do Faḥṣ Arrifana em que se concentraram todos os exércitos.

Nas crónicas vê-se escrito بكار e não o modo correcto, com o ق árabe. Mas compreende-se que Ibn al-Sairafí, que acompanhava a expedição, registasse no seu canhenho a fonética que lhe chegava aos ouvidos. Os resultados militares da expedição não lhe devem ter dado a oportunidade de andar por lá com inquéritos filológicos. E quanto à outra questão que convém frisar — a da “fatha” longa na última sílaba — isso deve-se à tendência popular para tornar agudo o vocábulo.

Aqui está a história do topónimo Alvacar nessa região em que a abundância de gados era a principal riqueza dos seus povos. Riqueza de tal modo importante que a alínea 43) do foral da Guarda, concedido por D. Manuel I, mantinha aos seus pastores e aos dos seus termos o privilégio antiquíssimo de não poderem ser “encoimados” nos campos e coutadas por onde passassem, quando os gados iam em transhumância para o Alentejo (ROTEIRO, pp. 20, 23) ¹.

PARTE SEGUNDA

- 1) Os manuscritos de Ibn as-Sairafi
- 2) Deambulações na Beira
- 3) Cronologia dos eventos
- 4) A caminho de Al-Bakār
- 5) Em Al-Bakār
- 6) A conquista de Pinhel

Apêndice I
 Apêndice II
 Apêndice III
 Apêndice III a)

Os manuscritos de Ibn al-Sairafí

Na edição comentada da IḤATA que em 1955 fez o historiador Muhammad Enan constata-se que Ibn al-Khatib referira as três cidades de Badajoz, Beja e Évora (باجة) como representando

¹ Na monografia de Pinhel intitulada PINHEL FALCAO, da autoria de Ilídio Marta, podem encontrar-se elementos importantes para o estudo da região.

aquelas três regiões para onde se tinham dirigido os indiferenciados elementos da gente RUM, em conformidade com os dados fornecidos por Ibn al-Sairafi. Estas mesmas cidades são depois referidas por Ibn Idari. Mas da última obra que escreveu Ibn al-Khatib, com a designação de AMAL AL-ALAM, (obra escrita em 1372, e portanto numa altura em que já não tinha à sua disposição os arquivos da chancelaria andaluza), existe um Ms. que

fala nos seguintes topónimos: Badajoz, Beja e *بايرة*. A infor-

mação é dada na nota 3 da pagina 257 da edição da 3.^a Parte do AMAL AL-ALAM feita pelo Doutor Ahmad Mukhtar Al-Abbadi e outro em 1964. Ora este último topónimo não pode ler-se da

mesma maneira que se lê a palavra *يايرة* na edição da IḤATA.

O que se lê naquele topónimo é a palavra Beira (ou Beyra). O Ms. em que uma ou outra mão pôs agora esta dita palavra em árabe é oriundo, ao que parece, de Tamgrout, no sul distante de Marrocos. Trata-se dum Ms. que não fora conhecido do sábio arabista Codera, pois este apenas dispunha duma cópia feita sôbre um Ms. de Constantina.

Perante isto pode perguntar-se: como explicar que num dos MMss. conhecidos do AMAL AL-ALAM se haja modificado para

بايرة o topónimo que na IḤATA estava escrito *يايرة*? Esta

pergunta tem tanta maior razão de ser se nos lembrarmos de que Ibn al-Khatib para escrever a história dos reinos cristãos se havia socorrido dum certo judeu toledano Yussuf ibn Waqar. Ora uma vez que este homem já não podia certamente auxiliar Ibn al-Khatib quando este se encontrava no destêrro é legítimo pensar que este cronista pudera examinar no Magreb o próprio Ms. original de Ibn al-Sairafi. E que, assim, tenha aparecido um Ms. em que

existe uma modificação sua àquele topónimo *يايرة* que escre-

vera na IḤATA. E que, pois, para a composição de certas partes da IḤATA se tivesse valido de traslados imperfeitos. É esta a explicação que nos damos a nós próprios; e cremos que não será destituída de fundamento sério porquanto com a debandada geral de almorávidas e almôadas foram levadas muitas das espécies documentais do arquivo imperial.

Deambulações na Beira

Vamos agora penetrar no estudo daquela região que foi uma das mais batidas pelas razias mussulmanas e que estava englobada,

pelo menos em parte, na antiga Estremadura. Iremos ver que tem toda a justificação histórica a inserção do topónimo Beira no relato que fez Ibn al-Sairafí sobre a incursão de “Al-Bakār”.

A palavra Beira, da $\sqrt{\text{بور}}$, significa “terra inculta”¹. É registada por Pedro de Alcalá a palavra بور como sendo um “erial” ou uma “tierra non labrada”. Mas também pode significar baldio, dado que o termo “erial” admite igualmente este significado (Julio Martínez Almoyna, DICIONÁRIO DE ESPANHOL-PORTUGUÊS). A palavra بايرة era, pois, o nome dado pelos árabes ao território “na orla da Serra da Estrêla” e que se prolongava por Riba-Côa e até mais acima, como uma “designação orográfica”² duma região que constituía um “território despoado”³.

“Até final do séc. XII a faixa de terra entre Ribeira de Pinhel e o Côa deve ter-se conservado quâsi deserta e inculta” — escreveu um erudito medievalista português⁴. Ora a toponímia vem comprovar a justeza do modo de pensar desse medievalista — que, aliás, não conhecia a língua árabe. Simplesmente todo esse vasto território designado por Beira era como tal conhecido já muito antes do final do séc. XII: já o cronista Ibn Hayyan a referia, anteriormente a 1064, embora deturpadamente se veja escrito تابرة ⁵.

Não podia este vocábulo deturpado em تابرة significar Tavira; esta escrevia-se طبرة conforme já assinalámos. Aliás a sequência do escrito no texto por Ibn Hayyan (AL-MUQTABIS, ed. Beyrouth 1965, p. 201) mostra bem que tal vocábulo tinha de

¹ Dois dicionários o registam: بايرة — “Sol inculte” (Belot); بايرة — “Terrain inculte” (Kazimirski). O que dizemos sobre Pedro de Alcalá foi obtido no SUPPLÉMENT de Dozy: $\sqrt{\text{بور}}$.

Do vocábulo بور provém igualmente o topónimo Sabor, região e rio em Trás-os-Montes. No topónimo originário intervinha Faḥṣ sendo esta a sua evolução:

Faḥṣ al-Bur → Saalabor → Salabor → Sabor.

² Veja-se a HISTÓRIA DA EXPANSÃO PORTUGUESA NO MUNDO, vol. 1.º, p. 15.

³ Na mesma obra, p. 12/13.

⁴ BIBLOS, ano X, 1934, p. 464.

⁵ Várias outras deturpações conhecemos que não tem cabimento serem aqui analisadas.

ser Beira. Se fosse Tavira teria de ser colocada na "Kura" de Beja ou na de Ocsónoba; ora o que no texto se lê é o seguinte: "...a seguir as representações de Beja e Ocsónoba, depois as gentes de Badajoz e *بنايرة*; depois as gentes de Mérida e as que pertenciam a Toledo, a Calatrava..." etc. A gralha é, pois, manifesta. Outras gralhas também se notam; assim, por exemplo, enquanto que no fólio 112 desta crónica se vê escrita a palavra

منسوبة (na 1.^a linha) já na linha imediata a mesma palavra

se vê *مبسوبة*, com o ponto da letra Num colocado abaixo da linha¹.

Do que fica exposto se verifica que a palavra portuguesa Beira é "uma palavra da lingua vulgar", como igualmente pensava aquele já mencionado medievalista. Provém do árabe vulgar com o significado orográfico baseado no modo como o solo se apresentava.

Cronologia dos eventos

Uma vez que no Ms. oriundo de Tamgrout se vê escrito "Badajoz, Beja e Beira" como sendo as três regiões para onde se dirigiram todos aqueles RUM, cumpre agora efectuar o encadeamento lógico e cronológico dos acontecimentos tal como nos apresenta a fonte originária, o Katib almorávida Ibn al-Sairafi, através de excertos seus que nos transmitiram autores posteriores.

A ementa do AMAL AL-ALAM tem uma particularidade que a distingue das outras duas. Ibn al-Khatib informa-nos claramente que fora o próprio Ibn al-Sairafi quem o dissera:

"DIZ IBN AS-SAIRAFI: no ano de 527 chegou ao conhecimento do émir Tashfin..."

Eis aqui o elemento que imediatamente cumpre ponderar: ocorrera em 527 (12 Nov.^o 1132 / 31 Out.^o 1133) o CONHECIMENTO de que os Rum salmantinos haviam entrado em território islâmico. Ora em Agosto de 1133 dava-se um regresso de Tashfin a

¹ Repare-se no seguinte pormenor: no índice Toponímico que organizou o editor aquele vocábulo significando Beira, mas que no texto se vê deturpadamente *بنايرة*, foi pelo mesmo editor incluído na série dos toponímicos começando por *بنايرة*; e ao mesmo tempo tem um ponto de interrogação a exprimir a dúvida...

Sevilha. Por outro lado o AMAL AL-ALAM diz que ele regressara a Granada em Jumada al-Ula do ano de 528 (Março de 1134), vindo de dar batalha aos salmantinos. Do exposto se conclui que aquele CONHECIMENTO e a respectiva saída para ir dar caça aos RUM salmantinos se operou logo após o dito regresso a Sevilha, portanto cerca de Agosto/Setembro de 1133. Regressara e saiu logo — o que não é para estranhar dada a grande mobilidade de que dispunham os exércitos almorávidas, uma das suas características. De tal mobilidade há muitos exemplos; e um caso desses vai já ver-se a seguir quando nos ocupamos da chegada a Faḥs Arrifana.

...Mas um leitor menos avisado não se aperceberá imediatamente de que após uma batalha travada perto de Zalaca pelos fins do verão, seja pouco verosímil que o émir levasse alguns meses a percorrer o caminho de regresso até Granada ou Córdova! É justamente neste tempo intercalar que está o nó górdio e que constituía obstáculo a Huici Miranda para compreender o que fora verdadeiramente o “encuentro de Al-Baqar”, o qual ele confundia com outros eventos. Mas neste estádio das nossas explanações já deve o leitor ter orientado a sua atenção para a questão que levou Ibn Idari a reservar uma ementa própria para essa “incursão de Al-Bakār”, por ele relatada após o relato dos acontecimentos perto de Zalaca. E estes não foram olvidados por Ibn al-Khatib nem pelo autor do AL-HULAL AL-MAWSIYYA¹.

Aquela expressão *كانت على المسلمين*, que não faz parte

do conteúdo do relatado por Ibn al-Sairafi, foi pré-enxertada por Ibn Idari à laia de preâmbulo do que a seguir desenvolve na ementa. Ibn Idari pretendeu dar ênfase ao que noticiou Ibn al-Sairafi. Ao atribuir uma designação autónoma a essa nova operação guerreira estava Ibn Idari a revelar que sabia ter-se visto o émir Tashfin entretanto perante uma imperiosa exigência que lhe surgira improvavelmente e que o obrigara a deslocar-se para os lados de Cáceres. Não relatou circunstanciadamente o cronista Ibn al-Khatib esta incursão — mas sabia que o inimigo fizera ao émir uma investida nocturna naqueles sítios...! Tal omissão representa uma das dádivas com que às vezes nos brindam certos cronistas mussulmanos.

Vamos daqui a pouco ver o que sucedeu ao émir após essa célebre e cantada campanha da região de Badajoz da qual “volvió... glorioso y vencedor”: *ظافراً الى بلده*, segundo a IHATA.

¹ Nesta altura deve o leitor ter-se já apercebido de que a data de 528, apresentada por Ibn Idari, ou a de 529, fornecida por Ibn al-Qattan, estão erradas.

A caminho de Al-Bakār

Travada que foi a batalha com os salmantinos deparou Tashfin com um outro agressor, também constituído por gente RUM. O émír dirigiu-se para Al-Bakār havendo-se efectuado a saída logo após a festa da Imolação, diz-nos Ibn Idari (mais correctamente: Ibn al-Sairafí). No ano de 527 caíra esta festa a 12 de Outubro. E donde fora o início da marcha? A falta de indicações concretas temos de partir do principio de que não fora de lugar muito longe daquele em que se travara a batalha com os salmantinos. Por outro lado sabemos já que a concentração dos exércitos se dera em Fahş Arrifana em data não posterior a 31 de Outubro, porquanto o mês de Du al-Hijja de 527 correu entre as datas de 3 a 31 de Outubro. Consequentemente não levou mais que 19 dias a chegar à Arrifana o émír Tashfin¹. Este e o governador de Sevilha prosseguiram por ali acima através de caminho que se sabia estar o inimigo a utilizar. Quer dizer a via (militar romana, por certo) utilizada por ambos era a mesma.

Em Al-Bakār

O que aconteceu a Tashfin aqui foi ver-se ele envolvido numa cilada. Os acontecimentos devem ter ocorrido pelos princípios de Novembro.

Falar de Al-Bakār —Alvacar— é implicitamente falar de Pinhel. Ora sabe-se que Pinhel de Cima-Côa era um posto militar importante². E a comprová-lo estão os vários acontecimentos bélicos que a história de Portugal regista terem-se produzido por essas paragens.

Um documento antigo, o chamado Exórdio de Tarouca³ alude a uma entrada que pelas terras da Beira fizera "el-rei de Badajoz Albucazan"⁴ por estas mesmas épocas a que nos estamos reportando; e nessa incursão os mouros destruíram Trancoso. Para atingirem este lugar tinham de passar nas cercanias de Pinhel.

É difícil vermos na incursão a Al-Bakār essa entrada a que se

¹ Como Abu Yaqub Iantan também chegou à Arrifana neste pequeno espaço de tempo poderia objectarse: era impossível ir de Sevilha até à Arrifana em tão pouco tempo. Simplesmente do texto não se pode deprender que Iantan tivesse saído de Sevilha nessa altura. Quem nos pode asseverar que não tivesse estado também ele já nos acontecimentos perto de Badajoz? O contrário precisamente é o que se afigura bem mais provável.

(Nota: no mês de Shawal de 527 — que correu entre 5 de Agosto e 2 de Setembro — já ele era o novo governador de Sevilha).

² Ten-Cor. A. Botelho da Costa Veiga, ESTUDOS DE HISTÓRIA MILITAR PORTUGUESA, vol. I, parte 1.^a, Lisboa 1936, p. 204.

³ Publicado na colecção dos PORTUGALIAE MONUMENTA HISTORICA.

⁴ Trata-se de Abu al-Hassan, um dos Banu Kabaturna de Badajoz.

reporta o Exórdio de Tarouca; mas, a ser assim, então a incursão de que temos estado a tratar constitui mais uma das muitas que por aquela zona ocorriam, com a particularidade de que ficou registada por um cronista mussulmano através de pormenores que os documentos cristãos são parcos em fornecerem. Do confronto e exame dos documentos de ambos os lados é que pode fazer-se brotar a luz nessa “zona, sôbre todas, obscura da nossa história, o século XII”, que constitui o “desespero dos investigadores, que a custo conseguem enxergar um ou outro facto positivo no extremo longínquo de delgada aberta, rôta, por acaso, entre trevas compactas”¹.

A conquista de Pinhel

Visto que os RUM portugueses haviam atravessado a linha de fronteira pela serra da Marofa; considerando que a expansão para sul, através de Pinhel, implicava necessariamente com o ter de contar-se com a resistência das defesas mouras existentes nesse ponto militar; e uma vez que o émir Tashfin foi encontrar estes novos RUM lá para os lados de Badajoz —está à vista a conclusão lógica: Pinhel fora previamente conquistada. Uma vez isto feito então os portugueses seguiram o exemplo dos salmantinos: “eamus et nos in terram Badaioz”².

Esta visão das coisas poderá ainda, talvez, ser alicerçada naquilo que resulta do confronto de dois documentos conservados no Arquivo Catedralício de Salamanca, os que no seu catálogo têm os números 7 e 8. Segundo o primeiro, datado de 21 de Janeiro de 1133, reinava nessa altura Afonso VII “in totam Strematura”; mas segundo o outro, datado de 3 de Janeiro de 1136, tal não acontecia nesta altura. Parece, pois, que esse ponto estratégico dos mouros —o mais importante da zona— estava já na mão do primo e que a jurisdição de Afonso VII de Castela não abrangia a área que dali se extendia até alguns quilómetros mais para oriente.

APÊNDICE I

AL-BAYAN AL MUGRIB

(excerto)

No ano de 528 efectuou Tashfin bin Ali bin Yussuf uma expedição militar contra os RUM, derrotando-os e recuperando os prisioneiros de... É que chegara ao conhecimento do émir Tashfin

¹ ESTUDOS DE HIST. MIL. PORT., vol. I, parte 1.ª, p. XLII.

² DA CHRONICA ADEFONSI IMPERATORIS.

que os magnates dos RUM e seus chefes militares, constituindo um exército... que incluía milhares de homens entre chefes militares e seus reputados cabos de guerra, se haviam dirigido para os lados de Badajoz, Beja e Évora e essa zona islâmica, efectuando aí algaras e apoderando-se de tudo quanto lá se encontrava. Chegaram a uns lugares que ainda não haviam sido amendrontados por inimigo algum dado que eram remotos e inacessíveis e era impraticável o acesso aí. Rebuscaram dentro deles subjugando o território e atravessando-o de lés a lés e de alto a baixo, pelo que ficaram enfraquecidos os mussulmanos devido ao bando inimigo que tinha sido ruinoso em Sevilha. Esses homens movimentavam-se vagarosamente devido à lentidão do gado, confiantes como estavam em que bem longe se encontrava o eco ao pedido de ajuda. Então o émir Tashfin monta a galope e ordena aos guias que afanosamente procurem em todos os cêrros e desfiladeiros na esperança de encontrar o inimigo. Acelerou a marcha até Fadan, próximo de Zalaca,

..... o émir Tashfin foi para Córdoba e a seguir para Granada, no mês de Jumada al-Ula do ano de 528...

AL-BAYAN AL-MUGRIB

(excerto)

E neste ano de 528 Tashfin fez lançar uma campanha militar sôbre os RUM. Foi a incursão de Al-Bakâr, que os mussulmanos tiveram de executar. Diz Abu Bakr Yahya bin Muhammad al-Ansari: Logo a seguir à festa da Imolação saiu o émir Tashfin com o exército de Granada e Córdoba e uns destacamentos de tropas ligeiras auxiliares de cavalaria e peonagem afim de cortar o passo ao inimigo que já havia talado essa área. Tashfin solicitou a Abu Yaqub Iantan bin Ali que sáisse com o exército dessa área, isto é Sevilha, juntando-se-lhe em Fahş Arrifana no mês de Du al-Hijja. As duas colunas militares prosseguiram para um sítio conhecido por Al-Bakâr, em caminho que o inimigo tinha forçosamente de utilizar. Quando os soldados intensificavam a procura do inimigo apercebeu-se este de que a intenção de Tashfin era ir procurá-lo e ficou apreensivo; e os mussulmanos dirigiram-se para Al-Bakâr. Mas sobreveio a excitação no acampamento e propagaram-se os rumores. Mal o inimigo se certificara de que o émir Tashfin se dirigia para Al-Bakâr atacou o acampamento ao surgir uma oportunidade: destacou dois mil homens auxiliares a seguiu-se-lhe um certo número de peões que se dirigiram para o tópo do acampamento. Caira a noite e estavam exaustas as energias.

Então os soldados inimigos irromperam de súbito sobre o acampamento por numerosas brechas. Ergueram-se os clamores, relincharam os cavalos e confundiam-se as vozes. O pânico apoderara-se das montadas: soltaram-se as rédeas, partiram-se os cabrestos e os cavalos caíram sobre as tendas. Sobreveio a pilhagem, fugiram os homens e o acampamento era invadido, aproximando-se o inimigo do pavilhão do émir Tashfin cuja montada estava ali ao lado para nela se salvar

..... Então envolveram-no os soldados andaluzes e alguns almorávidas, não mais de quarenta, interpondo-se entre ele e os RUM. Depois sucederam-se os golpes, intensificou-se a luta e a situação tornou-se séria. Envergando a sua cota de malha, de espada em punho e o escudo no braço, fazia endurecer o combate surgindo no seu posto. Nunca se vira maior auto-domínio nem maior audácia, nem jamais alguém anteriormente havia dele contado o que então se viu nessa ocasião crítica. O seu pavilhão havia sido despedaçado com a brandir das espadas e com os golpes tinha ficado em tiras o cordame dela, que jazia por terra. Por fim um dos escravos desferiu um golpe sobre o conde dos RUM espetando-lhe a lança nas costas. A seguir deu-se a luta corpo-a-corpo e caiu a escuridão da noite tendo a refrega provocado vários mortos e feridos... com o sangue a correr. Se não fora Deus havê-lo predestinado, mercê da firmeza do émir Tashfin, ter-se-ia dado a ignomínia e teria vindo o dia do juízo final, no qual a mentira não tem lugar. Na última parte da noite o inimigo voltou outra vez sobre o pavilhão do émir, que aí permaneceu até o dia seguinte; e de manhã o émir Tashfin pôs-se a caminho de Cáceres, regressando à fortaleza de Cáceres com a expedição militar. Depois regressou a Córdova.

Ao regressar a Córdova o émir Tashfin compuzeram-lhe os poetas odes laudatórias...

APÊNDICE II

AMAL AL-ALAM

(excerto)

Diz Ibn al-Sairafi:

No ano de 527 chegou ao conhecimento do émir Tashfin que os magnates dos RUM se haviam dirigido para os lados de Badajoz, Beja e [segundo o Ms. de Tamgrout] Beira e a região ocidental, subjugando uma zona que não tinha ainda sido assolada. Rebuscaram por aí dentro e os homens movimentavam-se vaga-

rosamente devido a terem de conduzir o gado. Então o émir Tashfin monta a galope e ordena aos batedores que esforçadamente procurem por todos os cêrros e desfiladeiros na esperança de os encontrar

..... o émir Tashfin foi para Granada em Jumada al-Ula do ano de 528... Sôbre o que ocorreu compôs o seu Katib Abu Bakr ibn al-Sairafi uma ode laudatória...

Descreve Ibn al-Sairafi a firmeza do émir Tashfin na incursão nocturna que o inimigo lhe lançou em Faḥṣ al-Bakâr

Acêrca deste acontecimento compôs o seu Katib um poema.....

APÊNDICE III

KARTA PETRI TEIXAFIN DE HEREDITATE IN COUTO

In Christi nomine. Ego Petrus Teixafin et uxor m̄ea facimus kartam venditionis vobis domno Randulfo abbati et fratribus de Sancto Johanne de Tarauca de hereditate nostra propria quam habemus in vestro couto. Damus vobis quantam hereditatem ibi habemus pro ubi illam potueritis invenire et accepimus de vobis pretium pro illa IIII.^{clm} modios et medium tantum nobis complacuit et apud vos nichil remansit pro dare. Habeatis vos illam firmiter in secula seculorum. Et si aliquis homo venerit vel venerimus tam de propinquis quam de extraneis qui hoc factum nostrum irrumpere voluerit quantam requisierit tantum vobis duplet et domino terre aliud tantum et iudicato. Facta karta XI^o kalendas Maii. Era M^a C^a 2X^{'a} II.^a Ego Petrus et uxor mea hanc kartam manibus nostris roboravimus ✕ Qui presentes fuerunt et viderunt: Petrus, Johannes, Didacus, testes. Pelagius notuit.

(Do "Livro das Doações de Tarouca", fl. 26 A —publicado por A. de Almeida Fernandes in "ESPARSOS DE HISTÓRIA"— Documentos Inéditos, pág. 210).

KARTA DE SUERIO MOURO

In Dei nomine. Ego Suerius Maurus facio kartam testamenti de hereditate mea propria ad monasterium Sancti Johannis de Tarauca pro remedio anime mee et iacet ipsa hereditas in illa Serra et vocatur Cadavoso...

Era M^a C^a LX.^{'a} V.^a...

(Do "Livro das Doações de Tarouca", fl. 16 v —publicado integro por A. de Almeida Fernandes in "ESPARSOS DE HISTÓRIA"— Documentos inéditos, pág. 211).

APÊNDICE III a)

PETRUS TEIXAFIN

Por singular capricho do destino topámos durante as nossas investigações com a noticia dum documento verdadeiramente curioso.

No cartório de mosteiro de Salzedas existia um dos Livros das Doações do mosteiro de Tarouca — mosteiro este que foi o primeiro da Ordem de Cister a existir em Portugal. Tal livro veio a ser públicamente conhecido mercê do labor de A. de Almeida Fernandes, editando os seus valiosos ESPARSOS DE HISTÓRIA - DOCUMENTOS INÉDITOS. Nesta compilação transcreve dois documentos constantes do Livro de Doações: a KARTA PETRI TEIFAXIN DE HEREDITATE IN COUTO e a KARTA DE SUERIO MOURO. Reproduzem actos jurídicos de venda e disposição testamentária ao dito mosteiro de Tarouca. São respectivamente datados de 1154 e 1157. Tanto o Couto como o Cadavoso lá citados são dois lugares perto do mesmo mosteiro.

O documento de 1154 mostra imediatamente estarmos perante um nome —Teixafin— usado na tribo mestra dos almorávidas. Cremos nunca haver visto este nome usado alhures: os personagens conhecidos que o usavam eram em número limitado¹.

Esta noticia verdadeiramente inopinada levou-nos a admitir três hipóteses, que julgamos serem as únicas possíveis:

a) Tratar-se dum plebeu mouro qualquer que houvesse sido aprisionado e que posteriormente se houvesse convertido (...), ficando albergado naquelas monásticas paragens de Tarouca;

b) Ser um membro da estirpe imperial dos Banu Tashfin que houvesse sido aprisionado e ali por Tarouca tivesse ficado, resignadamente;

c) Tratar-se dum foragido — e neste caso haveria que distinguir ainda se se trataria dum mouro plebeu que usasse este nome, ou se dum individuo da nobre clã dos Banu Tashfin.

A primeira destas hipóteses não se afigura muito verosímil pela razão de que a um cativo de condição inferior, um escravo, seria difícil pelas leis da época poder ter a faculdade de realizar um acto de disposição sôbre uma propriedade imobiliária. A segunda

¹ Sôbre este ponto veja-se TAMUDA, ano VII, semestres I e II, Tetuán 1959, p. 90.

também é difícil, pois a dar-se esta hipótese seria bem natural que os documentos árabes nos fornecessem alguma noticia, por ténue que fosse, da desventura que caíra sôbre tão importante pessoa. Nada disto aconteceu. Ao ponderarmos na terceira hipótese ocorreu-nos esta idea: o Ibn Qanouna, o ex-governador de Córdoba, que fora destituído do seu cargo e encarcerado no Alcazar, em Agosto de 1132, — não teria ele conseguido escapular-se da prisão indo procurar (por vingança ou mera tranquilidade de alma) a hospitaleira mansão dos santos monges de Tarouca?...

Seja qual fôr o caso que se tenha dado uma coisa, porém, parece surgir como verídica: o individuo não era estranho à côrte almo-rávida.

O mosteiro de Tarouca foi fundado numa data sôbre que divergem os historiadores. Mas oscila apenas dentro dum espaço de 18 anos a opinião de todos. Segundo uns (e esta é a opinião menos aceitável) fundou-se em 1122; segundo outros foi em 1131; e ainda segundo outros foi em 1140. Há apenas uma diferença de 9 anos entre as duas opiniões que são mais aceitáveis.

Ora o estado actual dos conhecimentos, segundo as fontes árabes, leva-nos desde logo a excluir a existência de qualquer outra incursão às terras da Beira comandada pessoalmente por Tashfin posteriormente a 1133¹. Parentes seus não parece que tenham andado por ali depois desta data. Por outro lado as fontes nacionais unicamente assinalam, após 1133, uma repentina investida moure no ano de 1140 contra Trancoso. Caracterizou-se por ser uma autêntica destruição contra a qual não foi possível uma defesa local, nem do poder central. Não houve, por certo, um só mouro que ficasse prisioneiro. Sendo assim, e considerando que a tal venda deveria ter-se effectuado alguns anos após a leira de terra vendida haver sido rompida —isto é desbravada— então não estaríamos muito longe da verdade se dissessemos que esse Petrus Teixafin, mouro como o era também o Soeiro, se estabelecera em S. João de Tarouca posteriormente ao ano de 1131. Mas como, pelas razões aduzidas, ficava circunscrito a 1133 o limite Ad Quem da possibilidade de tratar-se dum cativo por expedição guerreira àquela região, então o ano de 1132 pode funcionar para sermos levados a admitir com maior aceitação que tenha sido a hipótese terceira aquela que efectivamente se verificara. E assim, excluído tratar-se dum plebeu pelas razões mostradas quanto à hipótese primeira, iríamos facilmente admitir que esse Petrus Teixafin seria o Ibn Qanouna. E seria?...

¹ A incursão a Faḥṣ 'Atīyya em 1135, à qual alude o RAWD AL-QUIRTAS, foi à região de Coimbra. Veja-se o nosso estudo no IX Congresso da U.E.A.I. (Amsterdam 1978).

Há pouco tempo informou-nos A. de Almeida Fernandes que “Teixafim [aqui com m final] é um topónimo (simples sítio) da freguesia de S. João de Tarouca”. E acrescentava na sua carta o seguinte: “...já depois de ter dele dado notícia [na GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA] encontro a documentação pessoal do mesmo para 1154...”. Das palavras deste autor, —um profundo conhecedor dessa região que desde Pinhel e Trancoso subia a Tarouca e daqui seguia a Lamego—, imediatamente se depreende afinal que aquele Petrus Teixafim havia deixado através dos séculos o seu nome ligado à região onde vivera. Ora isto não podia suceder, sem mais, em relação a qualquer homem vulgar. Conhecemos, por exemplo, em Portugal dois locais, pelo menos, em que o bem célebre Azubair bin Umar

(نَدْرَة الزمان كرمًا) também deixou o seu nome pessoal transformado num topónimo.

O Petrus Teixafim deve, com grande probabilidade, ter pertencido à nobre clã dos Banu Tashfim. E quanto a uma possível conversão ao Cristianismo refira-se que se conhecem casos semelhantes. Pois não é verdade, por exemplo, que também o Sayyid Abu Zayd se converteu? ¹.

Zaragoza, Outubro 1979

MARTIM VELHO

¹ Veja-se Huici Miranda, HISTORIA MUSULMANA DE VALENCIA Y SU REGIÓN, vol. III, p. 231.